MFN: 7037
Fo
ex. 07
389/89

# A volta de MAGUATÓ

## o frango d'água pantaneiro

Mario Ramires

Quantas lembranças. Quantas esperanças e desilusões entramadas no vai-vém daqueles trançados de palha, ano após ano, quilômetros e quilômetros de esteiras, cestos e abanos que a índia Josefina vai moldando com o suor de suas mãos naquela sala quente e ensolarada da Casa do Artesão de Corumbá.

Quanta coisa aconteceu desde o dia em que ela decidiu viver dos trabalhos de palha de acuri, fibras de camalote, taboa e outras ramas do mato, do jeito que aprendeu com sua mãe e sua avó lá no Aterro de Joaquim Ferreira, no Porto Conceição. Bem antes dela ir pra Cáceres, casar com brasileiro, trabalhar na fazenda ou vir morar em Corumbá.

Certas coisas, Deus do Céu! nem é bom lembrar. Mas pelo menos ela conseguiu. Conseguiu sobreviver e criar seus filhos, mesmo desamparada, tirando o sustento do próprio trabalho, fazendo objetos para vender. Artesanato guató.

Josefina sabe da importância que passou a ter, por acaso ou destino marcado, no meio da sua gente. Como contribuiu, com coragem e inteligência, para que fossem novamente reconhecidos pelas leis do governo dos brancos os verdadeiros índios d'água, senhores legítimos do Pantanal.

Verdade que até um filho ela acabou perdendo nessa luta que está sendo manter o ânimo do seu povo, lembrar que ainda são o que pensam que já foram. Que ao invés de ser branco da última categoria, sem direito, voz ou documento no mundo civilizado, melhor ser índio, só, mas tratado com respeito, com direito a um chão para morar e ninguém para lhes expulsar ou dizer o que fazer.

Josefina bem que teve mais medo depois que o segundo filho retomou a luta, logo após a morte do irmão. Mas, mesmo arriscando a própria vida, ela quer e vai continuar lutando, para levar de volta à velha Ilha todos os guató, e maridos e esposas e filhos e netos de guató que estão aos poucos se perdendo, espalhados por aí nas favelas de Cáceres e Corumbá, pelas fazendas, pelos aterros e corixos mais distantes.

O povo guató sempre foi muito pacífico, ordeiro, não foi índio de briga e malvadeza como outros, não foi gente de guerra como os falados mbayá-guaycurus, os payaguás e mesmo os bororos da banda de lá. Sempre viveu isolado, mudando de um lado pro outro, conforme as cheias, juntando no máximo duas ou três famílias, sem aldeiamento. Fugindo.

Não por covardia. Quando desrespeitado, guató sabe se defender. É que esse jeito de viver só, vagueando em cima das canoas, pelos aterros, sem criar raízes, isso deixa a pessoa meio sem defesa, sem ter como enfrentar uma guerra, uma ameaça maior.

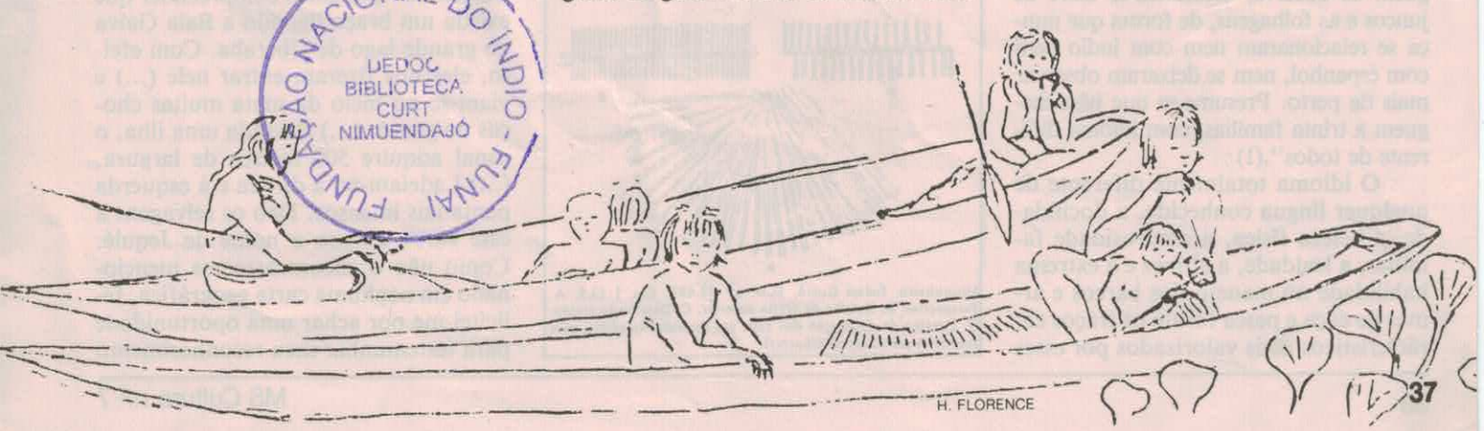
Se bem que, talvez justamente esse tipo de vida, fugindo ao contato com o branco, é que permitiu que ainda hoje se possa falar nos guató como uma tribo não extinta.

### Pacíficos infiéis

Os guató nunca foram, na verdade, muito numerosos. Desde as primeiras notícias que se tem, dos primeiros viajantes espanhóis que percorreram o Alto Paraguai buscando um caminho para o Peru, os guató são mencionados como tribo pacífica, arredia e pouco numerosa.

A primeira referência que se conhece nos livros é de Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, que cita os índios **guataes** em duas passagens de seus "Commentarios" sobre uma expedição feita ao Mar dos Xaraés "en busca de los indios que tenían oro y plata", publicados pela primeira vez em Valladolid. Espanha, em 1955. Outros

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
DEDOC
BIBLIOTECA
CURT
NIMUENDAJÚ



H. FLORENCE

H. FLORENCE

*Família Guató em 1825*

autores, como Guzman e Hervas y Azara, citaram os guató em seus escritos, ainda no século XVI. Em 1633, os guató são mencionados, ao lado dos chiriguanas, guaranis, itatines, payaguás e guanás-chanes, entre as nações de "indios infieles" que poderiam ser submetidos às pregações dos padres jesuítas (Companhia de Jesus) conforme autorização do trono espanhol, expresso na "Resolucion de la Real Audiencia de Charcas", de 8 de outubro daquele ano.

No livro "El Paraguay Catolico", o padre Sánchez Labrador conta que alguns índios mbayá-guaycuru haviam lhe falado, em 1767, sobre a tribo dos guató, que cultivavam milho, abóbora, batatas e algodão em pequenas roças construídas sobre "aterrados". Na verdade os guató nunca se caracterizaram como um povo agricultor, mas até bem recentemente era comum encontrar plantações de bananas e acuri em certos "aterrados" (terrenos elevados artificialmente com conchas e areia para não serem inundados pelas enchentes).

Em 1809, Don Felix de Azara narrou seu encontro com alguns guató habitantes de uma lagoa do lado ocidental do rio Paraguai: "Logo que descobrem que alguém os observa, escondem-se entre os juncos e as folhagens, de forma que nunca se relacionaram nem com índio nem com espanhol, nem se deixaram observar mais de perto. Presume-se que não cheguem a trinta famílias, com idioma diferente de todos".(1)

O idioma totalmente diferente de qualquer língua conhecida, a docilidade, a beleza física, a amorosidade familiar, a lealdade, a altivez e a extrema habilidade no manejo dos barcos e armas de caça e pesca foram os traços característicos mais valorizados por esses e outros viajantes, como Nuflo de Chaves, Domingos Martinez de Ilara e Francisco Justo de São Tiago.

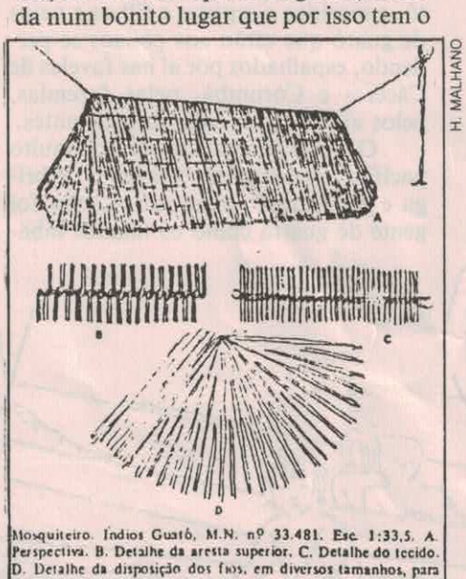
## O mais completo segredo

Josefina nunca ouviu falar, mas há muitos anos atrás, no tempo do Império, teve um francês, mocinho ainda, que passou pela região e fez amizade com os guató, que ia desenhando com muito capricho em várias folhas de papel. De autenticidade incontestável, esses desenhos são hoje as melhores imagens que temos dos guató do século passado.

Enquanto fazia esses retratos, Hercules Florence provavelmente não pressentia ainda a tragédia em que redundaria a célebre expedição científica patrocinada pelo czar da Rússia e chefiada pelo alemão Grigory Langsdorff, para a qual Florence fora contratado como desenhista auxiliar. Os guató encontrados no dia 26 de dezembro de 1825, numa região chamada Dourados, à beira do rio Paraguai, já estavam parcialmente aculturados, falando português e desenvolvendo um pequeno comércio com o chamado mundo civilizado.

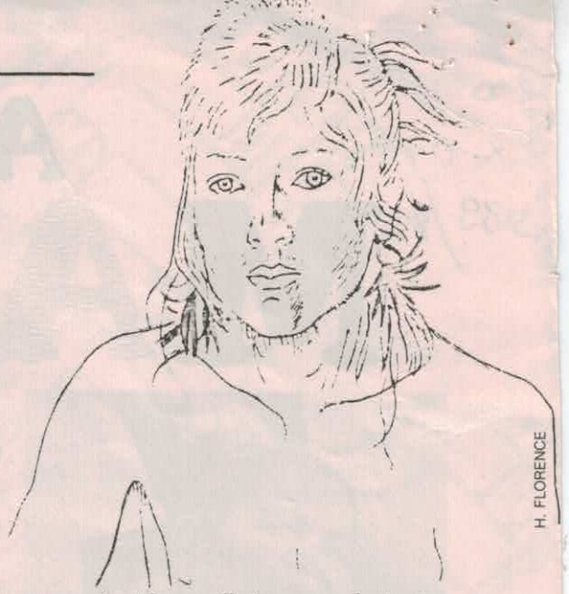
"A tribo é pouco numerosa - constata Florence. Não a calculo em mais de 300 almas. Ouvi muito falar de uma taba de índios guató, assente na baía Gaíva e que contém mais de 2.000 selvagens muito bravios, inimigos de qualquer contato com os brancos, embora nada malfeitores. (...) Apesar do muito que se diz sobre a existência desse núcleo de população, tenho minhas dúvidas (...). Quis por mim tirar informações dos guató de S. Lourenço, mas não tive senão respostas ambíguas; verdade é que, segundo a voz geral, guardam estes o mais completo segredo."

Em seu diário de viagem, Florence descreve também o encontro de uma cena típica da vida guató: "A vista, um dia, de uma choupana de guató, situada num bonito lugar que por isso tem o



H. MALHANO

Mosquiteiro. Índios Guató, M.N. nº 33.481. Esc. 1:33,5. A. Perspectiva. B. Detalhe da aresta superior. C. Detalhe do tecido. D. Detalhe da disposição dos fios, em diversos tamanhos, para formar as partes curvas (cônicas).



H. FLORENCE

nome de Alegre, dissipou por instantes nossa tristeza e deu alguma animação aos remadores. Desembarcando, avistamo-nos com uma família feliz. O marido voltava da caça e trouxera um jacaré; a mulher era moça e de fisionomia agradável; dois filhinhos, o mais velho com menos de quatro anos, mereciam-lhes os mais ternos cuidados. Essa boa gente tinha bananas, raízes de cará, mandioca, uma canoa, arcos, flechas, esteiras, cestos, panelas, dois mosquiteiros e mataparás. Um cão guardava a casa". (2)

## Sem nenhum liame nacional

Vinte anos depois, em 1845, outro francês, o naturalista Francis de La Porte, Conde de Castelnau, visitou também a região, complementando mais tarde as observações feitas por Florence:

"Os guató apresentam exemplo raro de um povo sem nenhum liame nacional (...) e constróem sua morada nos lugares mais inacessíveis. (...) Não conhecem outra diversão afora a caça da onça. (...) Passam quase toda a vida em suas canoas.

"Duas vezes por ano, em época certa, os homens se reúnem em lugares previamente indicados pelos chefes. Essas reuniões duram mais de dois dias e ocorrem geralmente em sítios particulares, a que parecem devotarem respeito religioso, tais como certos picos da serra dos Dourados e a entrada da lagoa de Uberaba.

"Da fala dos selvagens - conta Castelnau - pudemos compreender que existia um braço ligando a Baía Gaíva ao grande lago de Uberaba. Com efeito, eles nos fizeram entrar nele (...) e viam-se no meio da mata muitas choças de guató. (...) Passada uma ilha, o canal adquire 500 metros de largura. (...) Ladeiam-no à direita e à esquerda pantanais imensos. Dão os selvagens a esse curso d'água o nome de Jequié. Como não o encontrássemos mencionado em nenhuma carta geográfica, felicitei-me por achar uma oportunidade para testemunhar meu reconhecimento

H. FLORENCE

à Sua Majestade o Imperador do Brasil, dando-lhe o nome de Rio Pedro Segundo." (3)

Mais do que pura bajulação, Castelnau estava, propositalmente ou não, reforçando com essa homenagem o domínio brasileiro sobre uma das regiões mais inexploradas da fronteira do Brasil com a Bolívia. Um lugar que, pela distância e dificuldade de acesso, foi considerada área altamente vulnerável durante a Guerra do Paraguai, ponto de passagem, muitos anos mais tarde, da lendária Coluna Prestes. O que Castelnau certamente não sabia, ou pelo menos não fez nenhuma menção, é que a ilha que contornou ao percorrer o canal que liga as duas baías, era na verdade a Ilha Insua, chamada Bela Vista do Norte pelos índios, principal ponto de referência cultural dos guató. Paraíso sagrado que mais tarde seria invadido pela "civilização", com a chegada da pecuária, que abriu um processo fatal de dispersão da nação dos canoeiros.

## Frequentíssimas e amigáveis relações

Ao contrário dos mbaya-guaycurus e dos payaguás, os guató não constituiram obstáculo para a ocupação econômica e militar da região pantaneira.

No documento intitulado "Notícia sobre os Índios de Matto Grosso", enviado em 1848 pelo Diretor Geral dos Índios da Província, Joaquim Alves Ferreira, para o Ministério dos Negócios do Império (e publicado em 1914 no Album Graphico de Matto Grosso), a população guató é calculada em mais de "500 almas", habitando o rio Paraguai e lagoas adjacentes "desde a boca superior do Paraguay-mirim até um pouco abaixo do Descalvado"; e também no rio São Lourenço "até a foz do Cuyabá".

Sobre as relações com a sociedade brasileira, diz o relatório: "vivem em paz com os seus vizinhos e têm frequentíssimas e amigáveis relações com os nossos viajantes, com quem permutam peles de onça, de bugio e de lontra, cera, remos e canoas, por machados, facas, zagaias, panos de algodão, fumo e aguardente. Começam a andar vestidos de camisa e calça, e as mulheres usam saia. São leais, probos, inofensivos; porém têm por vezes mostrado que sabem resistir e vingar as injúrias que lhes fazem. São muito inclinados à embriaguez, e nesse estado tornam-se às vezes barulhentos e desordeiros. Geralmente entendem o nosso idioma e muitos adultos o falam. Raramente visitam as nossas povoações e mesmo a capital".

Os alemães Von Martius e Karl von den Steinen referem-se também ao processo de extinção dos guató em obras publicadas em 1867 e 1872, mas sem levar muito em consideração o fato de que foi nessa época que os índios canoeiros mais se esconderam dos brancos em guerra.

Couto Magalhães, presidente da Província de Matto Grosso durante a Guerra do Paraguai, registrou em 1876 a ajuda dos guató ao Exército Brasileiro, "quando, para evitar a vigilância das forças paraguaias na ocasião em que íamos atacar, tivemos necessidade de fazer nossas marchas em centenas de canoas, por pantanais conhecidos por eles (os guató), e onde nos foram de grande e valiosíssimo socorro, seja indicando locais de descanso no meio daqueles imensos paludes, seja apontando aos nossos soldados o caminho naquela emaranhadíssima rede de canais".

Quanto aos costumes guató, chamou atenção de Couto Magalhães o recato das mulheres: "os guató do Paraguay brasileiro são um tipo exagerado dos direitos do homem sobre a mulher. (...) O guató não é monógamo: tem uma, duas ou três mulheres, segundo a sua capacidade na caça, na pesca e na colheita dos diversos frutos que constituem a base de sua alimentação.

"O que interessa à minha tese - diz Magalhães - é o recato das mulheres: se uma guató nos trazia um peixe, uma caça, ou uma fruta silvestre, seja obedecendo à ordem do marido, ou para procurar obter um objeto nosso que cobiçava, fazia-o sempre com os olhos fitos no chão ou voltados para o seu marido.

"Se nossos oficiais entravam de surpresa em alguma cabana, as mulheres, geralmente sentadas no chão sobre suas esteiras, lhes davam as costas e viravam-se para o marido ou pai de família, e continuavam o seu serviço sem dizer uma palavra, sem manifestar a tão natural curiosidade de ver aquela porção de canoas e homens armados, que passavam por uma região até então virgem de outros que não fossem eles mesmos. Esse profundo e exagerado recato das guató foi geralmente notado sempre pelas forças onde, reinando o espírito de libertinagem próprio aos acampamentos militares, eram todos acordes em dizer que entre os guató não se permitia nenhum tipo de prostituição. Compreende-se que, diante de tais sentimentos, nenhuma ofensa seria sentida tão dolorosamente pelo guató quanto um desacato à sua família." (4)

## O cururu começou logo

Em 1889, Julio Kolowsky conviveu durante três semanas com os guató do Alto Paraguai, e publicou os resultados de suas pesquisas na Revista del Museu de la Plata, em 1896. Em 1900,

H. FLORENCE

M. SCHMIDT

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
DEDOC
BIBLIOTECA
CURT NIMUENDAJÚ

Enrique Bolland comandou uma expedição de medição às regiões do Alto Paraguai e das lagoas (baías) e, embora não tenha feito grandes anotações sobre os costumes dos guató, contribuiu decisivamente para o conhecimento geográfico do seu território.

Em 1901, chega a Figueira, pouco abaixo da lagoa Gaíba, o etnólogo que faria o estudo mais completo sobre os guató: Max Schmidt, que ao longo de três viagens (1901, 1910 e 1928) estudou-lhes a história, costumes, cultura material, os trançados de palha, a etnia e fez um levantamento do vocabulário da língua, publicando esses trabalhos em livros e revistas especializadas.

São muito poucas as informações sobre música, danças e lendas guató, o que não significa, necessariamente, que pouca importância teriam essas manifestações na vida familiar que levavam. Para Max Schmidt, no entanto, o primeiro problema enfrentado logo no início de suas viagens, foi o gosto que seus amigos e guias guató, semi-aculturados, já haviam tomado pela cachaça e pelo cururu:

H. FLORENCE

"Reginaldo havia trazido de Amolar uma enorme garrafa de aguardente. Dessa maneira, o cururu começou logo (...). Todos fizeram círculo, João Caracará afinou a viola, alguns pratos serviram de pandeiro e, logo depois, ouviram-se os gemidos de vozes que entoavam os versos uníssonos. (...) Dessa maneira verificou-se o cururu em Bracinho, e assim foi a nossa festa em Figueira."

Sobre os hábitos alimentares, constatou Max Schmidt que "esses índios distinguem-se de outros da América do Sul pelo costume de não assarem os peixes e outras carnes sobre um cavalete, mas cozerem-nas na água. O caldo é apreciado de modo especial (...). A sopa de bananas é de um sabor extraordinariamente bom. As frutas são colhidas ainda verdes, descascadas e cortadas em rodelinhas, sendo cozidas com pequenos pedaços de peixe, rabo de jacaré ou carne; naturalmente não há sal ou qualquer outro tempero. (...).

"A essa espécie de comidas, mais ou menos líquidas, corresponde certamente a espécie de vasilhame de que se utilizam (...) vastas panelas de barro **(mikir)** de linhas muito simples. Para guardar água para beber, possuem eles grandes bilhas de barro **(matu)**, de cor avermelhada e consistência porosa, onde a água, graças à evaporação, esfria consideravelmente. Encontrei somente um caso de ornamentação de bilhas, por meio de quatro pequenas saliências. (...) A refeição realiza-se de modo determinado: os homens ficam de pé, rodeando o caldeirão, onde enchem suas colheres de tempo em tempo. Essas enormes colheres de pau **(maguadá)** servem simultaneamente de pratos. As mulheres sentam-se em redor de outra panela ou tigela em que o preparador da comida despeja o alimento e, ao invés de colheres, utilizam conchas **(maquá)**.

## Aquático por excelência

"À tarde - descobriu Schmidt - a maioria dos índios ia para certo ponto da mata, onde se punham a beber vinho de palmeira: a tsitsa (ou **tchtcha**), como chamavam (Ver **Mukhedá** na página 46). Era com orgulho que falavam do produto da palmeira, cujos efeitos exageravam por causa da própria embriaguez. (...) A bebida leitosa e de bom sabor é sorvida do tronco por meio de um canudo. Dizem que pela manhã ela é mais embriagadora do que à noite. (...) Era engraçado ver aquela gente toda sentada lá nas copas das palmeiras, abaixando-se de quando em quando, ao orifício, onde sorviam a bebida. Conseguiam chegar ao arejado pouso lá no alto, por meio de uma vara recortada e encostada à palmeira. Os indígenas corriam lépidos pela mesma, apoiando-se com o dedo maior do pé nos recortes, ao passo que para mim os recortes só serviam de obstáculo, tanto na dificultosa subida, como no deslisar para baixo, coisa que os fez rir muito.

"Assim como o ciúme às mulheres os fazia limitar a franca hospitalidade, não gostavam de partilhar com o estrangeiro a sua bebida, pela qual tinham grande paixão. Ao perguntarmos pelo suco existente no buraco da planta, os homens sentados lá em cima responderam que já estava esgotado; mas como eu apareci na copa de repente, deram-me o canudo para que eu bebesse."

Max Schmidt observou também que os homens guató têm os membros inferiores relativamente pouco desenvolvidos, ao passo que o resto do corpo, principalmente os braços, apresenta em geral uma forte constituição. E atribuiu ao fato de passarem a maior parte de suas vidas em pé, equilibrando-se e impulsionando suas canoas, o fato dos guató terem as pernas menos desenvolvidas e "em forma de X": joelhos juntos e pés bem afastados um do outro.

"O guató é um habitante aquático por excelência - afirma Schmidt. (...) O domicílio guató acha-se sempre junto da água, habitualmente alguns passos para dentro do mato, escondido. Mas aquele que conhece a região, sabe perfeitamente onde se encontra a casa de um guató, seja à beira do lago ou de um barco de rio, porque quase sempre o guató reside junto a uma figueira enorme, dominando todas as outras árvores, reconhecível de longe. (...)

"Pelo fato do índio guató manter quase todas as suas coisas constantemente na canoa, compreende-se, talvez, o motivo por que ele tem tão pouco cuidado na construção de sua casa **(movir)**.

"As relações entre as famílias que residem tão afastadas são em geral cordiais, pois em quase toda povoação guató encontrei indígenas visitantes durante maior e menor tempo. Esses visitantes já de longe anunciam a sua chegada, através dos sons de uma corneta de chifre."

É comum o chefe da casa dizer ao visitante por quantos dias ele é bem-vindo.

"Não pude nessas ocasiões observar quaisquer trocas de valores, parecendo que essas visitas têm mais um caráter psicológico do que econômico. A família do índio guató, com exceção dos poucos utensílios que obtém dos brasileiros, depende de si mesma."

O homem guató é quem fabrica as armas, canoas e apetrechos, caça, pesca e ainda cozinha. As mulheres cuidam dos bebês, fiam, tecem e fazem trançados de palha e objetos de barro cozido.

"As crianças tomam parte em todos os trabalhos, ativamente, o que prova toda sorte de utensílios de pequenas dimensões e próprios para as crianças. (...) O índio guató mostra especial predileção pelas crianças, que aliás, têm sempre junto de si. (...) Entre as crianças, as mais velhas tratam cuidadosamente das menores, dedicando muito tempo a esse trabalho.

"No que diz respeito aos direitos, encontramos entre os guató quase que exclusivamente a propriedade individual. Duas famílias que morem juntas,

RAF

têm cada qual o seu acurizal. (...) Certos utensílios, como vasilhas de barro e apetrechos de fiar e tecer, são de propriedade feminina e o homem não os cede sem indagar primeiro à mulher. Até mesmo a propriedade infantil é reconhecida e respeitada pelos próprios pais." (5)

## Mais de trinta facadas

Celso morreu. Encontraram atirado num brejo perto de Amolar, a duzentos quilômetros de Corumbá. 20 de Fevereiro de 1982. A cabeça dentro d'água e o corpo retalhado por mais de trinta facadas.

O coração de Josefina parece querer saltar fora do peito toda vez que vem essa lembrança.

Como acreditar na justiça dos homens, se os três assassinos contratados já foram identificados e apontados à polícia, mas nada foi feito até agora?

Desde criança Celso sempre foi mais expansivo, conhecia todo guató, trazia e levava notícias. Com que animação ele respondia às perguntas da Irmã Ada, do padre Osvaldo, do Noraldino, do Amir, da Adair, de todos enfim que começaram a se interessar pelos guató. Fez questão de acompanhar as três viagens que os moços da Pastoral fizeram até o Caracará, até a Bela Vista do Norte, para contar os guató. E como teve coragem para ir até Brasília, falar com o ministro e com o chefe da FUNAI! Gostava de ser chamado guia guató. Líder guató.

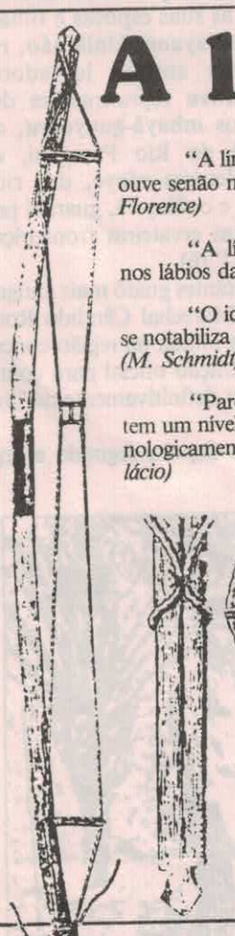
Josefina lembra como se fosse hoje a primeira vez que apareceu lá no Pro-Sol aquela irmazinha alegre, que ficava olhando, especulando de tudo... No começo Josefina ficou meio incomodada com tanta pergunta, tanto interesse. Mas depois Irmã Ada explicou que trabalhava com índio, que gostava de índio, que conhecia bororo, xavante, terena. Só não conhecia guató.

"Eu fui para Corumbá em 1976 - conta a Irmã Salesiana Ada Cambaroto. Logo que cheguei, fui visitar o Pro-Sol, onde fiquei conhecendo a tal Dona Josefina Guató. Foi por acaso mesmo. Depois ficamos amigas, fui até a casa dela; soube de tudo. Mas logo nos desafiaram: não existem mais guató. Então, resolvemos provar se eles existiam ou não. Acabei organizando uma turma, que foi em busca dos guató, e acabou-se descobrindo que eles são mais do que se pensa."

## A imprensa deu muita importância

A primeira expedição da Equipe Indigenista Missionária de Corumbá durou apenas 4 dias de outubro de 1977. Um dos seus integrantes, o Pe. Osvaldo, conta que, apresentado por Ir. Ada e Dona Josefina, conheceu a sua família, o filho Celso, e através dele todos os restantes. "Num Encontro de Índios que fizemos naquele ano, a Josefina se apresentou, a imprensa deu muita importância, teve a maior publicidade. O presidente da FUNAI, Gal. Ismarth Araújo, se interessou também e mandou fazer levantamentos. Nós já trabalhávamos com outros índios, com os terenas, os cambas da Bolívia, e então surgiram os guató. A primeira expedição foi por nossa conta, fomos só nós e o Celso. Na segunda nós fomos com o laboratório Sintex, que estava fazendo experiências com vacinas antitetânicas e precisavam testá-las em pessoas que nunca tinham tomado antes. Como eles estavam bem documenta-

# A língua: doce e rápida

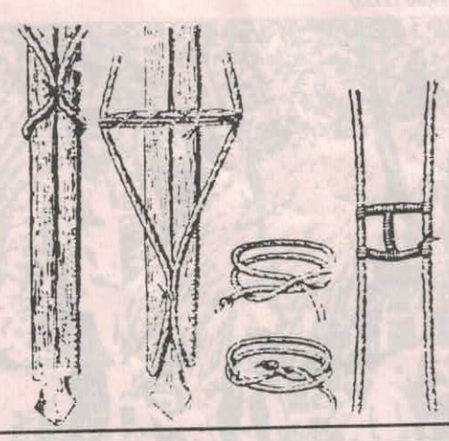


"A língua deles é rápida. Quando estão dois a conversar nada se ouve senão monossílabos ou palavras curtas, alternadas e breves." *(H. Florence)*

"A língua desses índios é extremamente doce, principalmente nos lábios das mulheres." *(F. Castelnau)*

"O idioma guató é em geral uma linguagem monossilábica, que se notabiliza pela simplicidade das formações das palavras e das frases." *(M. Schmidt)*

"Parece-me tratar-se de uma língua tonal, em que cada sílaba tem um nível determinado de tom, e diversas palavras se distinguem fonologicamente apenas por suas diferentes configurações tonais." *(A. Palácio)*



**mé** - irmão da mãe
**memé** - mãe
**pa** - irmão do pai
**bápa** - pai
**bé** - filho
**io** - filha
**nga** - neto/neta
**kuir** - irmã
**tsina** - irmão
**makú** - pedra
**máku** - macaco
**mapó** - braço
**mápo** - porco
**mabíro** - estrela
**mabae** - chuva
**magng** - água
**matá** - fogo
**mamá** - mandioca
**múpina** - lua
**nuvaé** - sol
**mikó** - jacaré
**mibó** - pato
**mipagó** - onça
**mogú** - urubu
**mipí** - tatu
**mitir** - veado
**mikir** - papagaio
**matsió** - boca
**itsió** - boca da viola
**itsá** - corda da viola
**maguadzá** - banana
**maguidá** - cana de açucar
**mukedá** - acuri
**mukú** - jatobá
**mádar** - árvore
**matoadar** - flor
**mibaia-chou** - negro
**akua-chou** - branco
**magueu-chou** - índio
**noupirego-chou** - mulato
**makuó** - branco
**ipé** - preto
**rapoukuaadá** - azul
**marápou** - verde
**marátso** - vermelho
**úpive** - amarelo
**nitou** - bonito
**mifau** - feio
**itoa** - bom
**mikiro** - ruim
**guárogn** - comer
**gogign** - beber
**nakáni** - andar
**adákuani** - dormir

**oihebí**
bom dia
(cumprimento)
**ogapoégota**
acenda o fogo
**igapoégota**
eu acendo o fogo
**gaiogá!**
vamos remar
**iogirgáyo**
vou beber água
**dekiats'amohiovoro**
eu vou para casa
**kira gúteradya**
vamos embora
**goguató negung mipagó**
os guatós matam onças
**montaguagagátu**
ele tem medo da espingarda
**deepgn goahir guatsir?**
quanta gente você viu?
**kira timahitchua tchogone**
vamos ao outro lado do rio
amanhã
**ve'idagatchio**
eu não entendo
**nitovr vovir**
linda é sua casa

*(Fonte: Max Schmidt)*

*Ir. Ada*

*Pe. Osvaldo*

*Silvia Brito*

dos, nós fomos com eles".

A terceira expedição, chefiada por Noraldino Vieira Cruvinel, durou 10 dias de março de 1978, e descreveu de maneira pormenorizada a situação dos guató que encontrou, apresentou um perfil histórico do grupo, analisou sua forma de ocupação territorial, realizou censo demográfico, chegando mesmo a eleger localidade para a criação da Área Indígena Guató.

"Índio não é como nós - explica Ir. Ada. Para os índios, o lugar onde eles têm os seus ancestrais, os seus mortos, os seus mitos, aí é o seu torrão natal, que vale mais que qualquer cidade. E lá na Ilha Ínsua, ou Bela Vista do Norte, como eles chamam, foram encontradas cerâmicas onde os guató eram sepultados antigamente (duas dessas urnas mortuárias estão no Museu Dom Bosco de Campo Grande - ver matéria na pag. 24). A cosmovisão deles é diferente da nossa. A ligação forte entre eles são o sangue e a língua."

"Os guató têm uma grande riqueza, que é a língua, que muitos outros grupos já perderam - reforça Silvia Brito, que através do Pró-Memória esteve em 1986 em Corumbá, levantando dados para montagem de um projeto educacional entre os guató. A língua é realmente um fator de identificação do grupo. Tanto que a tese da lingüista Adair Palácio, defendida na UNICAMP, veio contribuir para provar isso, uma vez que a partir do seu trabalho, chegou-se a confirmar a existência de guató em regiões onde não se imaginava mais que eles pudessem ser encontrados. Outra forma de identificação do grupo é o auto-reconhecimento deles enquanto guató: 'eu sou guató, essa é a minha origem'. Pelo que pude perceber, isso é uma coisa comum entre eles, principalmente entre os que estão morando no Alto Paraguai."

"Além do trabalho da Adair - continua Ir. Ada - conseguimos também o apoio do Pe. José Vicente Cesar (fundador e diretor da Anthropus do Brasil), antropólogo que nos ajudou muito junto à FUNAI, para que os guató fossem novamente reconhecidos. E na primeira reunião de comunidades indígenas de Mato Grosso do Sul, que fizemos em Aquidauana, com a presença dos guató, estava também presente o Claudio Villas Boas, e ele mesmo disse: 'Olha, gente, o trabalho que vocês fizeram não é pouca coisa não, pois uma tribo que se achava extinta, se constatou que continua a existir.'

"Mas depois mataram o Celso... Apesar que, mesmo com toda a dor - diz Ir. Ada - eu acho que no fim, a morte do Celso acabou contribuindo para unir ainda mais os guató. A morte dele foi proposital, porque não querem dar a ilha aos guató. Mas os guató não são pretensiosos. Eles eram os donos do Pantanal, e hoje não pretendem mais que uma ilha..."

E. PRYJEMSKI

*Há cerca de 40 anos arco e flecha ainda eram armas muito usadas*

## 1980 - Ano do Bagre

- O antropólogo Darcy Ribeiro publica o belíssimo "ensaio etnológico sobre o saber, o azar e a beleza" **Kadiweu.** 320 páginas. Nada, nenhuma referência aos seus vizinhos guató.

## 1981 - Ano do Galo

- O antropólogo Darcy Ribeiro visita Mato Grosso do Sul e, conferencista convidado, esbraveja e cobra das autoridades e da intelectualidade locais: "O que vocês fizeram pelos guató? O que vocês têm feito para preservar a cultura guató?"

## 1982 - Ano do Mico

- O antropólogo Darcy Ribeiro publica "Os Índios e a Civilização", um "estudo científico rigoroso e uma denúncia vigorosa do drama indígena brasileiro". 510 páginas. Guató (pp 80, 83, 113, 252) - quatro citações, não mais que algumas linhas.

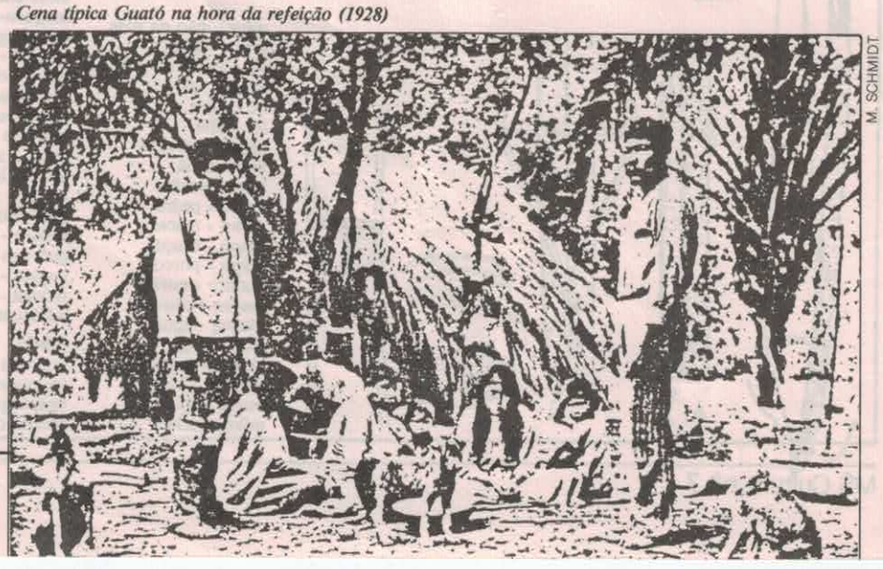
Uma delas:

"Ali Rondon encontraria os remanescentes de diversas tribos, todas em convívio pacífico com as populações sertanejas locais. Junto delas teria ocasião de conhecer a condição do 'índio civilizado', despojado de suas terras, espoliado nas fazendas de criação ou nos ervais, sujeito a toda sorte de violências, que começavam por não lhe reconhecerem o direito de criar os próprios filhos, desde que qualquer fazendeiro se engraçasse por eles, nem de impor respeito às suas esposas e filhas. Eram os **terena, layana, kinikináo,** remanescentes dos antigos lavradores **guanás;** os **kadiweu** representantes dos índios cavaleiros **mbayá-guaycuru,** os canoeiros **guató** do Rio Paraguai, os caçadores e coletores **ofayé,** dos rios Negro e Taboco e os **Kaywá,** guarani primitivos das matas ervateiras fronteiriças com o Paraguai." (6)

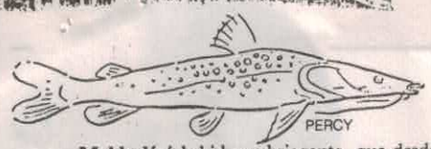
Os representantes guató mais antigos afirmam que o Marechal Cândido Rondon, durante sua estada na região concedeu-lhes a autorização oficial para continuarem morando definitivamente na Ilha Ínsua.

Alguns anos depois, segundo a an-

*Cena típica Guató na hora da refeição (1928)*



M. SCHMIDT



PERCY

**Mukhedá** é bebida embriagante, que desde passado longínquos foi a "cachaça" dos guató, muito antes de aparecerem os civilizados. E extraída da palmeira **Acuri** (Atalea Phalerata), muito comum no Pantanal.

A palmeira, grossa e de vasta folhagem, com 4 a 5 metros de altura, tem na parte superior, no centro do tronco, um coração - o palmito, comestível e volumoso. O índio corta as folhas compridas para ter acesso à cabeça da palmeira e arranca todo o palmito, para comê-lo cru ou cozido.

Extraído o palmito, fica no centro da palmeira uma cavidade cilíndrica, de cerca de 10 cm de diâmetro por 50 de comprimento. É aí dentro que pouco a pouco acumula-se um líquido branco, de gosto levemente ácido, que em poucas horas começa a fermentar, dando a bebida esbranquiçada, embriagante como álcool, o **Mukhedá** dos guató.

O líquido acumula-se paulatinamente, durante muitos dias, na mesma palmeira. Todo dia de manhã, o índio vai visitar uma de suas destilarias. Senta no alto da palmeira, e com um longo canudo, chupa a preciosa Mukhedá. É uma forma de esquecer durante algumas horas a sua vida de privações e perigos. Se sobrar, enche uma vasilha e leva um pouco pra "muié". Para ativar a secreção do líquido, raspa a parede do buraco com um pequeno garfo de pontas recurvas. E faz assim, muitos dias a fio, até que a pobre palmeira deixa de "minar" o precioso líquido, e seca.

É comum ver perto de um acampamento guató todas as palmeiras em redor descabeçadas, esgotadas, mortas.

M.S.

Vive no Pantanal uma grande ave escura, de barriga branca, que tem uma cauda comprida e longas asas pontudas. Na cabeça, dois tufos de penas. É a famosa Águia Pesqueira (Pandion Haliaetus), que vive em todas as regiões quentes do globo. Para os Guató, é uma ave santa, o seu **Marevó.**

Dizem que se um guató matasse Marevó, haveria de vir um temporal, com grande ventania, que arrancaria os seus pequenos bananais, levaria suas canoas e mataria os homens navegando no pantanal.

Durante anos, quase todos os dias, encontrava um marevó, voando alto acima da água. E mesmo dispondo de armas de longe alcance, nunca dei um tiro numa dessas aves. Pelo contrário: em honra ao seu vôo possante e às caídas vertiginosas que executa quando se lança como flecha do alto, para mergulhar e desaparecer por instantes no fundo das águas; foi em homenagem, enfim, aos meus amigos guató, que batizei o meu barco, minha morada, de **Marevó.**

PERCY

São onze horas da noite. A canoa, impelida pelo braço forte do índio, desliza em silêncio pelas águas calmas do corixo. Olho para cima. Está muito escuro. Melhor assim, penso eu. O holofote trabalha que é uma maravilha. De repente, sinto algo estranho no ar.

- Ouviu isso, companheiro? - pergunto para o índio. O que será? Parece o ronco de um motor... Mas a estas horas, e numa noite tão escura? Não é possível!

Muito alto, nos ares, escuta-se um zunido forte, contínuo, que baixa às vezes, parecendo afastar-se, mas depois volta, cada vez mais forte, mais distinto. Lembra o ronco de uma colossal esquadrilha aérea voando a grande altura, em demanda de um objetivo distante. Às vezes parece o ronco de uma lancha muito longe.

- Que será isso?

- Hum, hum - diz o índio. É **Mucudingligli,** o diabo. De dia tava fazendo barulho na velha figueira que fica perto do aterro. Agora tá voando muito alto, muito alto... Vai mudando. Ele sempre muda. Não gosta de ficá muito tempo no mesmo lugá.

- Onde vai ele? - pergunto.

- Não sei. Pode ser que vai no Caracará onde mora **Ximbuva** (árvore grossa). Capais de levá alguma moléstia pra minha gente. Nóis temo medo dele. Foi bom que saiu da figueira oca...

- Que bobagem é essa companheiro? Agora deu de ver demônios?...

- Hum, hum - resmunga o índio. Tem memo, e não é bom falá, que ele tá ouvindo...

- Pois bem - digo eu - vamos chamá-lo. Vamos ver que espécie de bicho é este seu Mucudingligli.

- Hum, hum, não é bom falá dele assim - repete o índio.

O potente facho de luz do holofote sobe lentamente para o céu, alcançando longe. Cruza em todas as direções, perscrutando a escuridão, e imobilizo-o no zênite.

Uma imensidade de pequenos pontinhos brilhantes atravessa, a grande velocidade, e em todos os sentidos, a faixa branca de luz. Alguns, cegos ou atraídos pela luz, caem no fundo da canoa; outros, com forte estalo, chocam-se contra o vidro grosso do farol. São os Coleópteros, besouros pretos de dois centímetros de comprimento.

É fantástico! Nunca tinha presenciado algo semelhante!

- Olha aí, companheiro. Está vendo o seu Mucudingligli? Não é um só - digo ao índio - lá ao alto tem uma nuvem deles. Uma nuvem sonora.

- Hum, hum, é isso memo. É costume dele. É assim que ele muda. Quando sai, sai tudo de todo os pau oco... E tem muito pau oco no Pantaná...

- Você já viu muitas vezes esta mudança?

Silêncio. Repito a pergunta.

- Não sei.

- Sempre esses besouros pretos?

- Não sei - responde seco, incomodado com as inoportunas perguntas que lhe faço.

M. SCHMIDT

O dia surgiu maravilhoso. O céu está límpido e azul. Estamos descendo o Piquiri, "rolando" ao sabor da corrente, a uns 50 metros da margem direita. Meu velho amigo guató vai calado, como sempre fazemos, falando o mínimo possível e observando tudo.

Subitamente, escuta-se na mata que cobre a barranca um estranho e aflito pipilar de pequenos pássaros. Não dou muita importância a isso, mas vejo o índio aprumar-se, olhando atento para a direção de onde vem o barulho. Intrigado, pergunto o porquê dessa atitude.

- Fica quieto, compadre - diz ele. É o "piolho da onça". O bicho tá brabo, acuado. Tá aqui memo, bem pertinho. Fica pronto!

Agora compreendo o que está acontecendo. O angustioso pipilar continua e faz-se ouvir mais pertinho. Na "boca" do corixo seco aparece um magnífico jaguar, que com um pulo alcança a beira d'água. Com rapidez e calma, apesar da tremenda emoção que me domina, faço pontaria. Um tiro seco e potente rompe o silêncio do ermo e, repetido pelo eco da floresta, rola rio abaixo. A enorme onça cai fulminada. Momentos depois, com muito esforço, encostamos e colocamos o bicho no convés do Marevó. É enorme, deve pesar uns cem quilos. Um belo exemplar, que merece ir para a coleção do Museu Nacional.

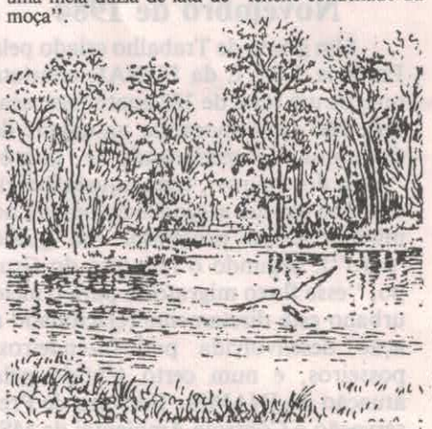
Na mata que cobre a barranca há inúmeros pássaros pequeninos, uns castanhos, outros preto-e-brancos, que se agitam, saltam e pipilam angustiosamente. Parecem furiosos! São os "piolhos da onça". Quero vê-los de perto.

Reconheço então a espécie. É a **corruira** (Thamnofilus Radiatus). É esse então o "piolho da onça" de quem tanto me falaram!... Entusiasmado e feliz pela conquista do magnífico troféu e de tão valiosa informação, abraço meu compadre dizendo:

- Tá certo, compadre. O senhor conseguiu me provar que existe o tal "piolho da onça". Pois bem, merece um prêmio. O que você quer que eu lhe traga do Rio de Janeiro?

Um largo sorriso de alegria ilumina a bondosa face do meu amigo, que responde:

- Tá bom, compade Tanilao. Então me traz uma meia dúzia de lata de "leitche condenado da moça".



PERCY LAU

*** Mario Ramires** é jornalista profissional, há oito anos em Mato Grosso do Sul.

## REF. BIBLIOGRÁFICAS


(1) - AZARA, Don Felix de: **Voyages dans L'Amerique Meridionale** Vol. II, Paris 1809. Ref. em Baldus, 1954

(2) - FLORENCE, Hercules: **Esboço da Viagem feita pelo Sr. Langsdorff no Interior do Brasil desde Setembro de 1825 até Março de 1829.** Tradução de Alfredo E. Taunay. (Revista Trimensal do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico - 1875/1876)

(3) - CASTELNAU, Francis: **Expédition dans lee parties centrales de l'Amerique du Sud, de Rio de Janeiro a Lima et de Lima au Pará. Histoire du Voyage.** Paris, 1850-51. Tradução consultada: **Expedição às Regiões Centrais da América do Sul.** (Cia. Editora Nacional). São Paulo, 1949.

(4) - MAGALHÃES, Gen. Couto de: **O Selvagem** (Cia. Editora Nacional). São Paulo, 1940

(5) - SCHMIDT, Max: **Indianerstudien in Zentraibrasilien. Erlebnisse und ethnologische einer Reise in den Jahren 1900-1901.** Berlim, 1905. Tradução consultada: Catarina Baratz Cannabrava: **Estudos de Etnologia Brasileira.** Brasiliana Grande Formato, Vol. II, SP, 1942.

(6) - RIBEIRO, Darci: **Os Índios e a Civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno** (Editora Vozes) Petrópolis, 1982

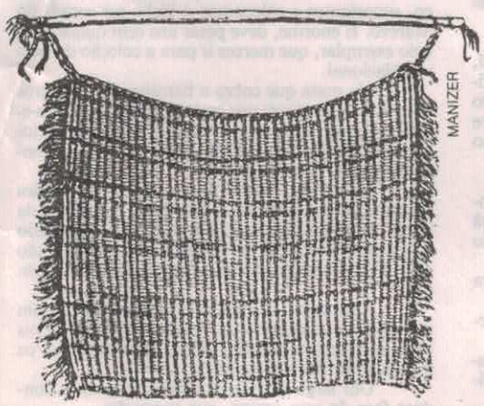

## ILUSTRAÇÕES

- As ilustrações de HERCULES FLORENCE (pp. 37, 38, 39 e 40) são de: **Viagem Fluvial ao Amazonas** (Ed. Melhoramentos - SP, 1941).
- As de MAX SCHMIDT (pp. 39, 41, 42, 45 e 46) são de **Estudos de Etnologia Brasileira** (op. cit.); e a foto (p. 43), de **Resultados de Mi Tercer Expedición a los Guato,** Revista de la Sociedad Científica del Paraguai - Toro V - nº 6 (Nov. 1942).

M.S.

- O mosquiteiro (p. 38) desenhado por Hamilton Botelho Malhano faz parte do livro **Nomenclatura das Coleções Etnográficas,** de BERTA RIBEIRO, a ser publicado pela Pró-Memória, Museu do Índio e Museu Nacional (RJ).
- O da p. 43 é de **A Expedição do Acadêmico G. L. Langsdorff ao Brasil,** de G. G. MANIZER (Brasiliana, id, 329) Cia. Ed. Nacional. SP, 1967
- Fotos p. 42 e 45: arquivo ESTANISLAO PRYJEMSKI.
- Ilustrações de PERCY LAU (p. 46) são de **Vila dos Confins,** de Mario PALMERIO (José Olympio Ed.) RJ, 1974.
- Ilustrações com (*) p. 45 são de "Noções de Sciencias" (Livraria Paulo de Azevedo), RJ, Séc. XIX.
- As artes-finais da p. 44 são de MS Cultura, sobre mapas do Ministério do Interior e imagens do Sat. Intelsat II.
- As fotos de Josefina são de Raimundo Alves Filho.

tropóloga Adair Palácio, "sem se saber exatamente os motivos, os guató passaram a ser considerados tribo extinta. (...) Espoliados, sem ajuda e sem rumo, perdidos muitos dos seus traços culturais, e com a língua sendo substituída pelo português, os homens, mais do que as mulheres, vêm se entregando à embriaguez, em total desânimo, sem constituir família, aparentemente em um processo de auto-eliminação. As mulheres, que parecem mais animadas, partem para casamentos com não-guató, provocando a perda do vínculo linguístico".




## Novembro de 1984

Um grupo de Trabalho criado pela Portaria 1771/E da FUNAI, constata que, de um total de 382 guató recenseados, 260 estão morando na cidade de Corumbá (considerando-se guató, "além dos 'puros', todo aquele indivíduo que em sua ascendência possua no mínimo como projenitor um guató 'puro"). Segundo o relatório do Grupo, "esse fluxo migratório para o meio urbano está diretamente relacionado à ação desenvolvida por fazendeiros, posseiros, e num certo sentido pela atuação do INAMB - Instituto de Preservação e Controle Ambiental de MS. A ação dos fazendeiros e posseiros tem se dado da maneira clássica: apropriação e usurpação das áreas ocupadas pelas famílias guató. A própria sistemática guató de ocupação territorial tem tornado a reação à perda do espaço quase nula. Ou a família guató se agrega então como fornecedora de mão-de-obra semi-servil à dinâmica do capital representado pela empresa agro-pastoril, ou se vê na contingência de migrar para o meio urbano. Aqueles que não se submetem nem a uma nem a outra opção, são obrigados a se dispersarem cada vez mais pelo interior do Pantanal, numa tentativa de mera sobrevivência. A situação destes tem sido agravada pela atuação do INAMB que, ao coibir a caça e a pesca, sobretudo do jacaré, interfere diretamente na dieta alimentar guató. Não raro têm sido os guató confundidos com 'coureiros', presos e castigados como 'coureiros', quando na maioria das vezes estão apenas utilizando o jacaré como alimento, e não como objeto de comércio.

"As famílias que se transferiram para o meio urbano, tornando-se meras fornecedoras de mão-de-obra, vivem a situação dos segmentos mais carentes e explorados da sociedade brasileira. (...) Encontramos apenas um índio guató possuidor de vínculo empregatício estável: é guarda-noturno de um moinho de trigo, pelo qual recebe salário mínimo, tendo oito filhos. A maioria, diarista, permanece na cidade enquanto tem algum dinheiro e passa períodos trabalhando em fazendas como diarista ou por empreitada. Numa atividade autônoma encontramos apenas um índio guató. É Severo Ferreira, de 44 anos, casado e proprietário de uma pequena oficina para consertos de bicicletas. Foi Severo Ferreira quem nos acompanhou como guia pelo interior do pantanal. A índia Josefina Alves, 62 anos, viúva, é a única representante guató em Corumbá que garante seu sustento através da feitura de artesanato.

"(...) Das 43 residências guató por nós identificadas em Corumbá, a grande maioria está localizada em quatro bairros periféricos: Generoso, Cervejaria, Guarani e Cristo Redentor, quase todas com problemas de posse do lote urbano.

"Quanto ao aspecto saúde, são os guató de uma forma sistemática vítimas de um tipo de cegueira que até hoje não foi objeto de cuidados. É grande a incidência de um tipo de deficiência visual progressiva que leva à cegueira total. Tanto pelo interior do pantanal quanto na cidade, encontramos muitos guató vítimas desse mal."

Esse Grupo de Trabalho, integrado por Luiz Antonio Sberze (Engenheiro cartógrafo - FUNAI) e Paulo Alves Cardoso (Antropólogo - FUNAI), constatou também que as oito famílias guató que então habitavam a Ilha Bela Vista do Norte (Ínsua) estavam em melhores condições do que os demais grupos familiares encontrados no Pantanal. "As próprias condições geográficas da ilha contribuem para isso: isolamento e limites naturais (proteção contra enchentes), além da excelente qualidade do solo, fazendo com que os 12.716 ha. de área sejam totalmente propícios à agricultura".

O Grupo de Trabalho da FUNAI constatou também que a Ilha, que até 1925 era habitada somente por guató, pertence desde 1978 ao Exército Brasileiro, que por sua vez, firmou com o pecuarista Milton Augusto Pessoa um acordo de arrendamento por um período de 5 anos, encerrando-se em 1986.

## Agosto de 1986

Em nome dos guató, Severo Ferreira, filho de Josefina Ribeiro e irmão de Celso Ribeiro, dirige às autoridades federais uma carta-manifesto em que conta à sua maneira a história do seu povo, reivindica a posse definitiva da Ilha Ínsua, pede ajuda aos seus irmãos índios e a todos os brasileiros, e confessa: "Tenho lutado e muitas vezes me canso das promessas e mais promessas sem respostas satisfatórias. (...) Aí eu digo: vou abandonar isso, porque já me cansei, eu preciso trabalhar, tenho meus filhos para criar. Mas quando já estou para desistir, a minha esposa não me deixa desanimar e juntos prosseguimos na luta em prol dos meus irmãos guató".

*Josefina com a neta e a nora*

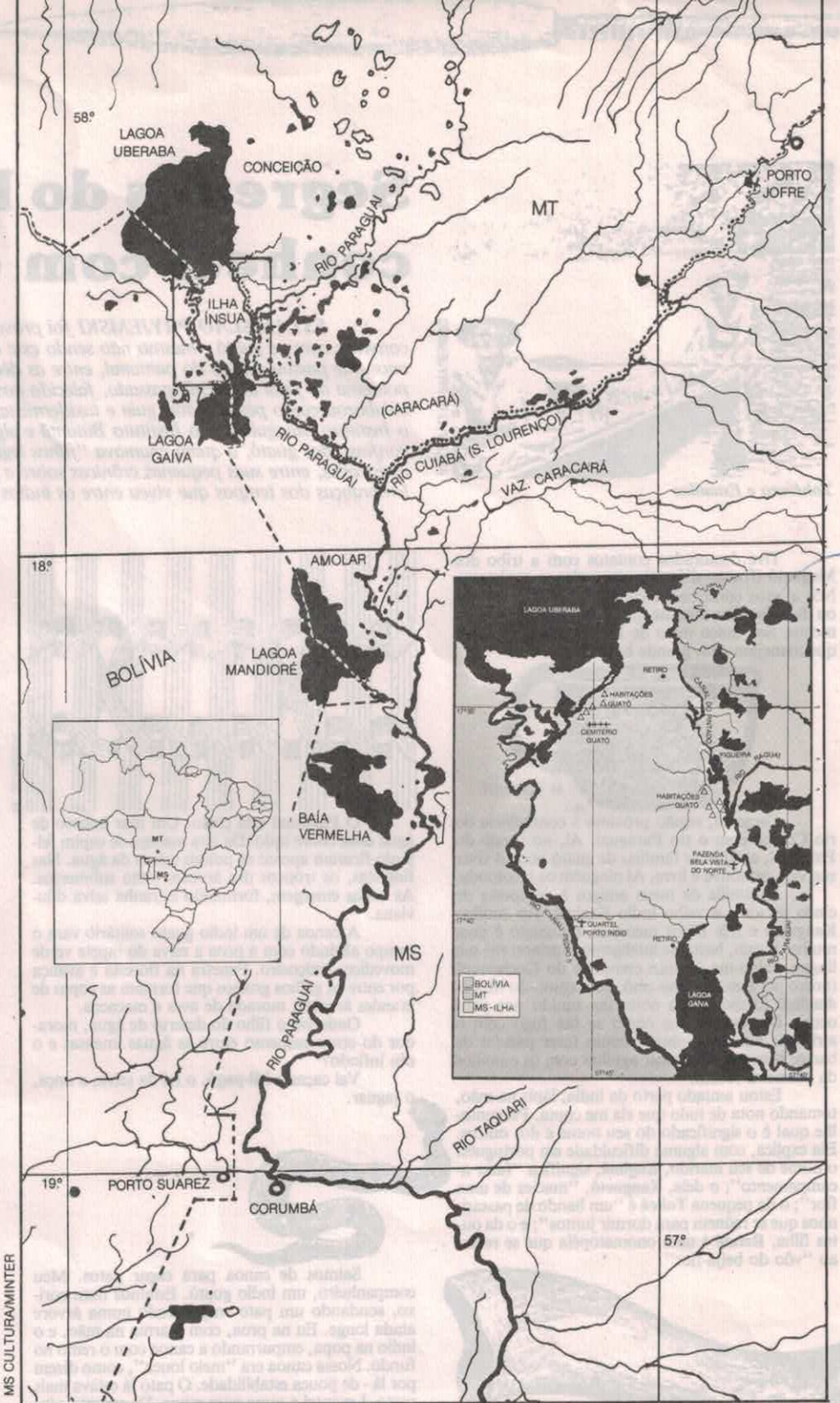
## Janeiro de 1987

Josefina Ribeiro, **Mbodô** para os guató, sentada em frente de sua casa no Cristo Redentor, esfrega os olhos com as costas das mãos e fica olhando calma e longe, através da tarde corumbaense. Um repórter se pergunta se ela disfarça alguma lágrima pelas lembranças atiçadas, ou se é a vista cansada que arde, vermelha e triste. E deseja sinceramente que ela possa um dia ver com todas as cores, com todos os movimentos, a alegria previsível de sua gente retornando à sagrada ilha.

— A Srª acredita mesmo, dona Josefina, que esses quatrocentos guató que querem voltar pra Ilha, vão conseguir se adaptar e viver apenas da agricultura?

— Ah, como é o que todo mundo quer, eu acho que com a união, o esforço de cada um pra ajudar os outros, consegue. E ainda tem muito peixe, muita mata. Dando pra viver com dignidade não precisa mais nada. Guató sempre soube viver sem acabar com o mundo, tirando só o de comer.

— Olha aqui, moço, já que minha sogra não fala, eu vou falar. O que a gente tá querendo mesmo é só melhorar um pouquinho. Porque o que a gente tá passando aqui não é vida. Não tem condição. Eu mesma, pra falar verdade, não sou guató. Eu sou mineira, não sei se o Sr. percebeu. Mas eu sou casada com guató, meus filhos são filhos e netos de guató legítimo. E eu também, vivendo e sofrendo tantos anos com eles, me sinto guató. Não me importa virar índio, desde que seja pra melhorar. Porque antes de tudo nós somos tudo filhos de Deus. Nós somos tudo brasileiros, e temos que ter onde plantar, onde morar. Os outros índios vão na FUNAI, brigam, e estão conseguindo demarcar suas reservas; os brasileiros que não são índios tão fazendo acampamento, tão invadindo, tão conseguindo a reforma agrária. E a gente aqui não consegue nem um nem outro. Não somos nem uma coisa nem outra. O Sr. agora mesmo tava perguntando pra minha sogra que que ela pensa toda vez que vem jornalista, padre ou assistente querendo saber dos guató, pedindo pra ela lembrar das coisas. É como ela mesmo disse: pra alguma coisa deve servir. Então a gente fica sempre esperando que vocês, que aqueles que ficam conhecendo a nossa história, todo o nosso sofrimento, procurem dar uma mão, tentando comover os que estão lá em cima, os homens do poder, pra não se esquecer da gente. Índio também é gente. E precisa viver.




MS CULTURA/MINTER

# A ILHA - onde tudo começa e termina

*Centro do universo, local da criação do homem, pela mitologia guató, a ilha reivindicada por essa tribo está localizada no ponto extremo noroeste de Mato Grosso do Sul, limitando-se ao norte pela lagoa Uberaba, ao sul pela lagoa Gaíva, a leste pelo rio Paraguai e a oeste pelo canal Pedro II, fronteira com a Bolívia.*

*Foi por essa região chamada Alto Paraguai, no centro do continente, que nossos ancestrais pré-colombianos, vindos do Caribe, se subdividiram em diversas ramificações tribais que povoaram toda a América do Sul. Locomovendo-se em canoas idênticas às conservadas até hoje pelos guató.*

*Essa tese é apoiada por alguns pesquisadores na coincidência de certos indícios registrados na mitologia de diversas tribos sulamericanas e nos inúmeros vestígios arqueológicos encontrados na região, como ossadas pré-históricas e as inscrições primitivas gravadas nas pedras da lagoa Gaíva, no morro do Caracará e da serra do Jacadigo.*

*Caracará representa na mitologia guaycuru a entidade que inspirou o Deus supremo a criar o ser humano, com todas as suas qualidades e limitações. E é na região chamada Caracará desde tempos remotos, que os matsubehe iniciaram o cultivo da banana, construindo para isso os aterrados artificiais que existem até hoje. Assim conta a tradição oral guató, que se refere aos matsubehe como seus antecessores nessa região.*

*Os guató foram os únicos habitantes da ilha (Ilha Ínsua, Bela Vista do Norte ou Porto Índio) até 60 anos atrás, quando começaram a ser expulsos pelo corumbaense Miguel Guatass e seus herdeiros, que introduziram ali a pecuária extensiva.*

*A FUNAI até agora não viabilizou o retorno dos guató à Ilha, mas o Exército Brasileiro, proprietário legal da área, já manifestou interesse no seu repovoamento, por estar localizada em faixa de fronteira internacional.*

# Segredos do Pantanal que conheci com os GUATÓ:

ARQUIVO E. PRYJEMSKI

*Tohévaro e Estanilao*

*ESTANISLAO PRYJEMSKI foi provavelmente o estudioso que mais tempo conviveu com os guató - mesmo não sendo esse o principal objetivo de seu trubalho nos 25 anos que passou dentro do pantanal, entre as décadas de 30 e 50. Filho da aristocracia polonesa do final do século passado, falecido aos 93 anos em Campo Grande, Estanislao colaborou como pesquisador, guia e taxidermista, com o Museu Nacional do Rio de Janeiro, o Instituto Manguinhos, o Instituto Butantã e algumas entidades internacionais. Admirador confesso dos guató, a quem chamava "filhos legítimos do pantanal", Estanislao deixou registradas, entre suas pequenas crônicas sobre a fauna e a vida pantaneira, algumas lembranças dos tempos que viveu entre os índios canoeiros:*

Tive demorados contatos com a tribo dos **Maguató** (frango d'água), como eles se conhecem. Nos aterros constroem suas moradas, vivendo uma ou duas famílias durante meses, em completo isolamento. Seu único meio de locomoção é a canoa, que manejam com grande habilidade.

M. SCHMIDT

Caracará, região próxima à confluência do rio Cuiabá com o rio Paraguai. Aí, no fundo do Pantanal, as últimas famílias de guató podem viver sua vida primitiva e livre. Aí ninguém os incomoda.

A família de meus amigos é composta de cinco pessoas: o velho índio Kaghná, sua mulher Kanguetó e três filhos menores. Kanguetó é uma mulher jovem, bastante inteligente. Ensinou-me sua língua, falou-me de suas crenças e do **Gochewecã** (nosso pai que mora no céu), bem como do **Mucudingligli** (diabo que à noite faz zunido nos paus ocos). Demonstrou-me como se faz fogo com o atrito de dois pauzinhos e como fazer panelas de barro, bem como fabricar agulhas com os espinhos da palmeira tucum.

Estou sentado perto da índia, lápis na mão, tomando nota de tudo que ela me conta. Perguntolhe qual é o significado do seu nome e dos outros. Ela explica, com alguma dificuldade em português: o nome de seu marido, **Kaghná**, significa "fazer acampamento"; o dela, **Kanguetó**, "maciez de uma flor"; o da pequena **Toheá** é "um bando de passarinhos que se reúnem para dormir juntos"; e o da outra filha, **Reraté** é uma onomatopéia que se refere ao "vôo do beija-flor".

M.S.

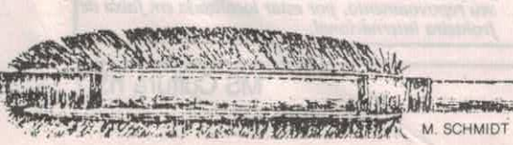
Num aterro à beira do rio estou acampado com uma família de guató. Uma mulher e três crianças. Sentadas em esteiras ao redor do fogo, conversam e afugentam os mosquitos com seus inseparáveis abanos - **osmá-parás.** De vez em quando olham para o rio, onde a lua cheia, que vem nascendo, se espalha. E escutam. Esperam o chefe da família, **Idaváro,** que foi caçar de canoa.

De repente se ouve ao longe: Tá lááá! Tá lááá!... É a anhuma, a sentinela do pantanal, que dá o seu grito de alerta. Uma grande ave bate as pesadas asas aqui perto, fazendo forte barulho, voa e desaparece. Vem gente, na certa.

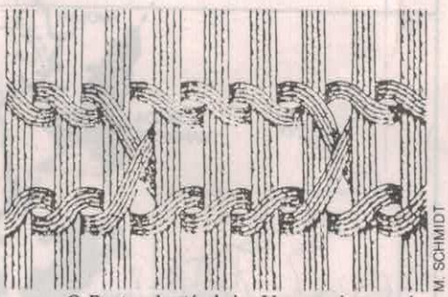
Momentos depois um vulto se delineia na ponta do estirão. É um canoeiro, de pé na popa, que se aproxima rapidamente. É ele mesmo, o Idaváro, que vem chegando.

- Como foi? O que trouxe?

- Foi bom - diz o índio, apontando para o gordo **Mi-khó** (jacaré) dentro da canoa, do qual os guató apreciam muito o rabo **(Ipana-mi-khó).** No cesto ao lado, uma ninhada de **ma-guekhó** (ovos de jacaré).



M. SCHMIDT



M. SCHMIDT

O Pantanal está cheio. Um mar imenso de água doce cobre tudo. Da alta macega de capim felpudo ficaram apenas as pontas acima da água. Nas florestas, os troncos das árvores estão submersos. As copas emergem, formando estranha selva diluviana.

A canoa de um índio guató solitário vara o campo abrindo com a proa a relva do tapete verde movediço, traiçoeiro. Penetra na floresta e avança por entre os galhos grossos que formam as copas de grandes árvores, morada de aves e macacos.

Onde vai o filho do deserto de água, morador do ermo suspenso entre as águas imensas e o céu infindo?

Vai caçar o **Mi-pagó,** o rei da selva, a onça, o jaguar.

Saímos de canoa para caçar patos. Meu companheiro, um índio guató. Estamos num corixo, sondando um pato empoleirado numa árvore ainda longe. Eu na proa, com a arma na mão, e o índio na popa, empurrando a canoa com o remo no fundo. Nossa canoa era "meio louca", como dizem por lá - de pouca estabilidade. O pato já estava mais perto. Levantei a arma para atirar. De repente, violento balanço da canoa quase me joga na água. Seria possível? Um guató, índio canoeiro, fazer uma besteira dessas?

- O que foi, companheiro? - perguntei.

- Uma sucuri - respondeu ele. Tava deitada no fundo do corixo. Quando finquei o remo, empurrando a canoa, ela deu um bote, de boca aberta, e quase me pega pela cabeça!

Conheci uma família de guató que tinha uma grande capirava, completamente domesticada. Quando saíam do aterro para visitar uma outra família, distante uns cinco quilômetros, a capivara acompanhava, nadando ao lado da canoa.

Conheci **Toévaro** há muitos anos. Era um velho índio guató, caçador de onça, exímio pescador e canoeiro. Era meu companheiro de caçadas no pantanal. Desde que nos conhecemos ficamos bons amigos. Pertencia a uma estranha família, marcada pela fatalidade. Parecia maldição. Era perseguida por cobras peçonhentas. Seu avô, seu pai e seu único filho morreram picados por cobras. Ficou-lhe apenas um neto, que tinha então uns doze anos, chamado **Jagurú.**

Um dia, o rapaz também foi picado de cobra. De nada valeram remédios de curandeiros. Minha lancha estava ancorada a pouca distância da morada do velho índio e este, vendo que o rapaz ia morrer, veio pedir-me socorro. O rapaz estava mal mas não era um caso perdido. A cobra, morta, jazia no terreiro. Era uma "jararaca de rabo branco" (Botrops Neuvidi) de pequeno porte, não podendo produzir uma dose de peçonha de efeito muito rápido. Com duas ampolas de soro antibotrópico do Butantã pus o rapaz fora de perigo.

A alegria do velho era indescritível. Abraçou-me chorando e dizia: - Não sei como lhe agradecer. Sou pobre, nada tenho para lhe oferecer. Mas, mais tarde poderei fazê-lo.

Passaram-se alguns meses. Um dia triste e chuvoso, apareceu no meu acampamento meu velho amigo Toévaro. Fazia pena vê-lo. Magro, trêmulo, alquebrado, com os olhos apagados, custou-lhe falar. Abraçou-me demoradamente e contou:

- Amigo, uma notícia triste: Jagurú está morto. Foi como sempre, o maldito "bicho do chão". Não tenho mais ninguém neste mundo. O grande segredo de posse da minha família, passado de pai para filho desde os tempos longínquos, vai desaparecer para sempre comigo. Devo-lhe muita gratidão por tudo o que fez por mim. Vou ensinar-lhe o nosso grande segredo da Flor da Cobra, para que ele não se perca com a minha morte. Para que continue dando felicidade e alegria aos homens. Amanhã vou trazer-lhe uma planta e um vidrinho com sementes. Mas tenha muito cuidado com as cobras. Agora elas poderão perseguir você também.

Essas últimas palavras do índio soaram-me como um aviso sinistro.

Conforme prometera, trouxe-me depois uma amostra da planta, e explicou-me pacientemente o modo de preparar. Pouco mais de um mês depois, recebi a notícia de que Toévaro tinha morrido. De picada de cobra.

Passou muito tempo, décadas, e não foi possível dar o destino certo a tão extraordinário achado. Faz anos, o incêndio do barco em que eu morava, nas margens do Taquari, destruiu com todas as minhas coisas, as anotações das parcas informações recebidas do índio. E é um fenômeno muito complexo, que tomará muito tempo, demoradas pesquisas de laboratório e experiências clínicas para se poder determinar o seu real valor e possibilidades de exploração.

Trata-se de uma pequena planta que cresce no pantanal e que floresce no fim da seca. Meses depois aparecem pequenas espigas de frutinhas vermelhas, que os guató chamam de **Bodjetó** - Flor da Cobra. Essas frutinhas encerram uma substância que possui a propriedade de retardar o ritmo de contrações espasmódicas de fibras musculares lisas, podendo desse modo prolongar a emissão das sementes da vida (ejaculação), dando assim ao homem dilatados momentos de euforia e volúpia.

Lembro-me inclusive que o "remédio" feito pelos guató das frutinhas da Flor da Cobra era sempre acompanhado de uma bebida selvagem: a **Mukhedá.**